

A ESCOLA COMO PARCEIRO-SINTOMA*

Sonia Borges**

RESUMO

A inibição intelectual é um dispositivo colocado em prática pelo ego diante de um sinal de perigo, a angústia. Esta será tanto maior na criança quanto mais identificada estiver com o desejo do Outro. Lacan lembra o vampirismo da pulsão oral e os sonhos em que o sujeito é esmagado pelo Outro, do qual não tem representação. Nesse caso, a criança faz-se de morta para sobreviver, de modo que a suspensão dos interesses cognitivos pode ser interdita. O sujeito em estado de anorexia escolar gastará toda a sua energia para nada saber, tendo em vista fazer frente à demanda esmagadora do Outro: ‘aprenda’.

Palavras-chave: outro; sujeito; escola.

Freud nos ensina, em *O mal-estar na civilização* (1930), que o sofrimento humano é proveniente de três fontes: do próprio corpo, do mundo exterior e da relação com o outro. E isto não depende de idade.

A relação com o grande Outro não concerne de maneira diferente à criança e ao adulto. Não há o desenvolvimento, no sentido pretendido pela psicologia. Se há particularidades na prática com crianças, elas decorrem, não de sua idade, mas de suas relações enquanto sujeitos de gozo. A criança, desde cedo, faz escolhas de gozo que orientarão a lógica de sua existência. Nesse sentido, não há uma especificidade na psicanálise com crianças.

Poderíamos perguntar-nos em que medida as dificuldades escolares são um sintoma, tal como o entendemos no campo da psicanálise e, portanto, suscetíveis à nossa intervenção?

* Artigo recebido em 12/5/2005 e aprovado em 1/7/2005.

** Professora da Universidade Veiga de Almeida-RJ e psicanalista (Formações Clínicas do Campo Lacaniano). E-mail: spborges@uol.com.br

A escola, primeiro campo de socialização, depois da família, é, por excelência, o lugar onde são postas à prova as identificações, a metáfora paterna, a relação com o sexo, tudo que constitui a subjetividade. Assim sendo, institui-se automaticamente como parceiro, parceiro-sintoma, como dizemos, porque ensinar a leitura, a escrita, o cálculo, a instrução, enfim, equivale a se ensinar a cifrar o gozo, ou seja, a fazê-lo entrar no intercâmbio simbólico. A dificuldade é ver em que medida um outro parceiro – estou me referindo ao psicanalista, mas pode-se pensar, da mesma forma, no trabalho de outros profissionais envolvidos no trabalho com a linguagem –, capaz de interpretar e escutar, pode abrandar a sua dimensão sintomática.

A neurose da criança é sempre uma resposta a um real em que está em jogo a incidência do desejo do Outro, que pode tornar o sujeito um ser vivo ou mortificá-lo. Jogo este que, embora não comece lá, muitas vezes vem a aparecer na escola. Impossibilitada de dizer a sua verdade sobre o acúmulo traumático de que é depositária, a criança tem o sintoma como recurso. No seminário “As formações do inconsciente” (1999), Lacan indica que “a angústia do Pequeno Hans, causadora da fobia, era, essencialmente, angústia de assujeitamento” (p. 196). E continua um pouco adiante:

É aqui que convém assinalar que o Outro a quem [Hans] se dirige, isto é, claramente sua mãe, tem uma certa relação com o pai. Todo mundo percebe que de suas relações com o pai dependem muitas coisas, visto que o pai não desempenha seu papel, como se costuma dizer. (p. 196)

Para que Hans solucionasse seu conflito foi preciso que “convocasse um encanador para o lugar do pai...”. De um modo geral, ensina, também, Lacan: o sintoma da criança é testemunha de como pai e mãe lidam com o profundo mal-entendido que rege o encontro sexual entre homem e mulher, principalmente quando se trata do encontro sexual.

É na família que uma certa ordem deve ser instaurada. A partir da ordenação dos lugares do pai, da mãe e de seus filhos, a criança pode construir uma história e, portanto, interessar-se pelo saber e ordenar os significantes proporcionados pela escola.

Optei por trazer, para discutirmos essas questões, fragmentos do caso de uma criança, de nove anos, que me foi encaminhada porque, apesar de todos os esforços da escola, da família, de professores parti-

culares, não se desenvolvia quanto à aquisição da escrita. E, segundo a escola, só quanto à escrita, porque nas diversas disciplinas, não apresentava problemas.

Para a escola, Carlos (esse nome é fictício) estaria retido na fase inicial da alfabetização, o que começaria, a partir daquele momento, a comprometer sua atividade escolar.

Na sua primeira entrevista, a mãe de Carlos dá a sua versão sobre a questão:

Acho que o problema é a sua displicência. Mas, para jogar videogame, não é displicente não... Não presta atenção nas aulas, não quer saber de nada que se refere à escola. Então não aprende nada... escreve trocando todas as letras... Também não faz amizades na escola, e come demais...

Além destas queixas que dizem respeito diretamente a Carlos, ao longo de todas as outras entrevistas que se seguiram, insiste no que parece causar-lhe muita insatisfação:

O pai dele é um traste, não serve pra nada, não trabalha, não põe nada em casa. Mas, graças a Deus, eu trabalho muito, só vivo pra meu filho, e vou dando conta de tudo... Quero tudo de bom pro meu filho.

Mais à frente, revela que já há algum tempo Carlos passara a dormir em seu quarto e o marido no outro quarto, por exigência dela: “Ele ouve muito rádio, me atrapalha dormir...”.

A família deve servir, basicamente, para a constituição do desejo. Neste caso, parecem bem frágeis os laços de desejo ali presentes.

Carlos chega para a primeira entrevista e, ao se referir à sua dificuldade escolar, semidiz a sua verdade:

Minha mãe disse que preciso vir aqui porque não sei escrever. Ninguém entende o que escrevo. Tiro zero no ditado porque ponho qualquer letra. Não sei escolher...

A criança pode se fazer sintoma da mãe, ou seja, representar a verdade oculta da mãe. Conforme indica Nominé (2003):

a criança, sintoma da mãe, não se queixa. A mãe, sim, queixa-se, mas seu sintoma não. A criança sintoma não fala, a mãe a faz falar, e

quando fala só fala a língua da mãe, diz parcialmente verdades da mãe, pois o filho sintoma geralmente não pode articular nenhum saber. (p. 60)

Carlos diz não saber escolher... mas nunca falta às sessões e, de quando em quando, diz-me que está ali para “resolver seus problemas”. Interessa-se, sobretudo, por jogos. Inicialmente não entende a idéia de que se jogue segundo regras. Mas interessa-se por aprendê-las, passa a adorar a competição, mas, quando começa a vencer as partidas, não suporta, tenta simular jogadas de forma que eu ganhe. É preciso que o Outro seja sempre o ganhador...

Depois de quase um ano de análise, Carlos diz que já está melhorando na escola, mas não resolveu seu problema, que está sempre muito “nervoso”. Peço-lhe para falar disto e ele diz:

É, todo dia chego da escola muito nervoso, e a primeira coisa que faço é ir depressa no quarto e abrir a porta do armário para ver se a roupa do meu pai está lá. Então fico sabendo que não foi embora de casa.

A partir daí vai podendo falar de seu “nervoso”, isto é, de sua angústia: “Minha mãe sempre diz que meu pai não presta para nada, não põe dinheiro em casa... Acho que ela até tem razão, mas...”

O que caracteriza a situação de angústia é a impossibilidade de uso da palavra como mediadora. Como nesse caso, a criança é suporte daquilo que os pais não podem enfrentar, o problema sexual. Mas são seus sintomas, a dificuldade escolar, a bulimia, a inibição com as meninas que falam disso.

A situação analítica desemboca, mais cedo ou mais tarde, na angústia. Esta surge na relação transferencial: tem estreita relação com a maneira como o sujeito relaciona-se com o desejo do Outro. Como de fato o analista não deseja nada, ele se confronta com seu mundo fantasmagórico.

Ainda no *Seminário 5*, Lacan ensina: “O que a criança busca, como desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, isto é, *to be or not to be* o objeto do desejo da mãe” (p. 197). Existe um problema na medida em que a posição do pai é posta em dúvida pelo fato de não ser a sua palavra que serve de lei para a mãe, ainda que o pai possa passar o poder para a mãe.

O assunto da saída do pai de casa retorna com frequência às sessões, até que Carlos pode se posicionar:

Meu pai é assim mesmo como minha mãe diz, não faz nada, não ganha dinheiro... Mas ele fala cada coisa legal! Fala coisas engraçadas, eu morro de rir. Eu gosto do meu pai, não quero que saia de casa.

Carlos faz a sua escolha, quer que o pai permaneça em casa. Com isto, dá-se a ruptura da cumplicidade com o desejo da mãe. O fracasso escolar pode ser um modo de opor-se ao projeto dos pais. Frequentemente, testemunha que a pulsão de saber está impedida. A pulsão de saber funda-se na falta essencial, no não-saber a respeito da relação sexual.

No terceiro tempo do Édipo, diz Lacan: inicialmente, a instância paterna introduz-se de uma forma velada, ou ainda não aparece. Só mais tarde, vai afirmar sua presença privadora e depois o pai revela-se como aquele que tem, de modo a propiciar as identificações necessárias ao declínio do Complexo de Édipo. Mas ensina ainda Lacan: “uma imensa amplitude é deixada aos meios e modos como isso pode se realizar, razão por que é compatível com diversas configurações concretas” (1999, p 202).

Ao final das provas, a professora surpreende-se com os progressos de Carlos na escrita. Não só a sua escrita melhorara muito, como crescera seu interesse pelas diversas disciplinas, assim como pelas relações com os professores e colegas. A escola passa a ser tema de suas sessões. Aparece o desejo de emagrecer, entrar na aula de natação e de informática, de ir para a escola sozinho, de voltar a dormir em seu quarto. Certo dia, revela: “Estou tentando falar com as meninas também...” E continua: “Todos os meus colegas já beijaram uma menina na boca, menos eu... tenho que conseguir!”

De poder escolher as letras, ou seja, de saber que um “b” não é um “d”, Carlos desliza para a possibilidade de querer saber sobre a diferença sexual: um menino não é uma menina... O que quer uma mulher? O que quer a minha mãe? Como me apropriar do saber de meu pai? O que o Outro quer de mim?

Em “Inibição, sintoma e angústia” (1925), Freud define a suspensão dos interesses cognitivos da criança como uma inversão da pulsão que faria equivaler o nada saber ao nada comer do anorético. A inibição

seria “a expressão de uma limitação funcional do ego”. Quando a pulsão de saber é interdita, o desejo de saber fica abandonado: da mesma forma que a anoréxica não come, o sujeito em estado de anorexia escolar gastará toda a sua energia para nada saber, tendo como objetivo fazer frente à demanda esmagadora do Outro: “Não coma!”, “Aprenda!”.

A inibição intelectual, segundo Freud nesse mesmo texto, está relacionada com a angústia, e também, a propósito de Hans, acrescenta:

a inibição é uma limitação que o ego se impõe para não despertar a angústia [...], sendo um dispositivo colocado em prática pelo ego diante de uma situação de perigo. (p. 89)

A angústia será tanto maior na criança quanto mais esta permanecer identificada ao objeto da pulsão do outro, materno em particular. A demanda desse Outro, com domínio direto sobre o corpo que a criança acredita estar devotado à satisfação desse outro, desperta nela temores de aniquilamento. Lacan lembra o vampirismo da pulsão oral e os sonhos em que o sujeito é esmagado pelo Outro, do qual não tem representação. Nesse caso, a criança não pode senão anular seu desejo próprio, faz-se de morta para sobreviver. A angústia desempenha o seu papel de sinal de perigo e faz funcionar a inibição. A angústia e a inibição estão em relação direta com o objeto.

No seminário “Os não tolos erram”, de 1973, Lacan propõe que se substitua a idéia de desenvolvimento pela de uma “viagem” que vai do nascimento à morte, e se pergunta:

que seria essa viagem, a saber, esse desenvolvimento, assim pontuado do nascimento à morte? O que é que Freud, pelo surgimento do inconsciente, nos indica? É que em qualquer ponto que se esteja dessa pretensa viagem, a estrutura, ela não cede. E o desejo [...] é estritamente, durante toda a vida, sempre o mesmo. (p. 79)

A análise com crianças apresenta a possibilidade de ir além do sintoma que as mortifica, operação que implica passar do “dito” ao desvelamento do dizer do sujeito que subjaz ao sintoma. Com a análise, busca-se, para além do alívio terapêutico, que o sujeito consiga uma mudança de posição subjetiva diante do discurso familiar.

ABSTRACT

Intellectual inhibition is a device which the ego activates in the face of any sign of danger or anguish. The more identified the child is with the desire of the *other*, the greater this inhibition will be. Lacan remembers the vampirism of the oral impulse and dreams in which the subject is crushed by the *other* of whom they have no representation. In this case, the child pretends to be dead in order to survive, to such an extent that the suspension of cognitive interests could be interdicted. The subject in a state of school anorexia will use up all their energy to know nothing when faced with the overwhelming demand of the *other*: 'learn'

Key words: other; subject; school.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras completas*, v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. Inibição, sintoma e angústia. In: *Obras completas*, v. XX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LACAN, J. *O seminário, As formações do inconsciente*. livro 5. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

NOMINÉ B. A criança e o saber. In: *Marraio*. Rio de Janeiro: Editora Rios Ambiciosos/Formações Clínicas do Campo Lacaniano, n. 3, 2002.

